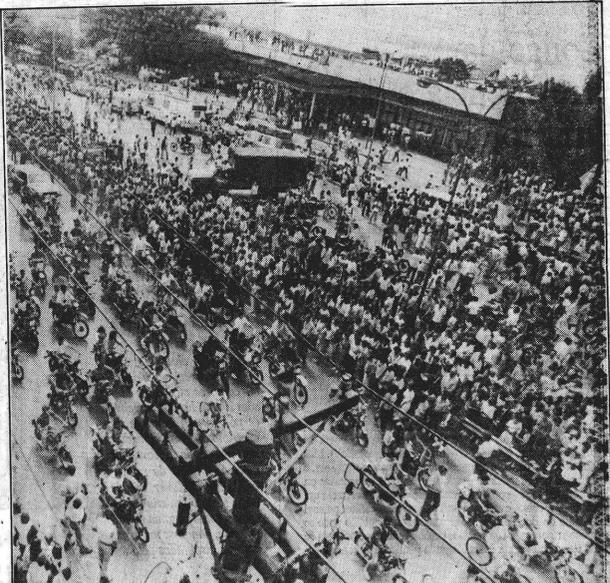
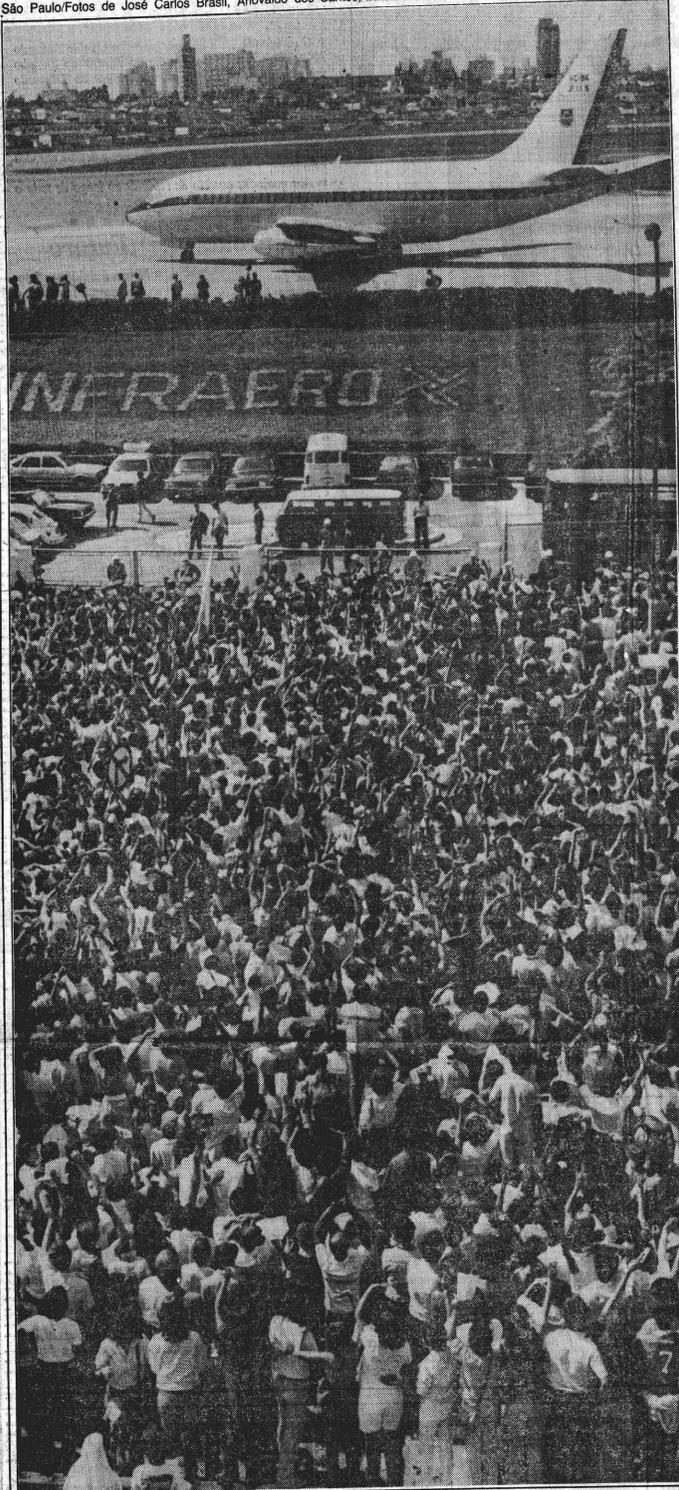


São Paulo/Fotos de José Carlos Brasil, Aivaldo dos Santos, Luiz Morier, Isaias Feltosa e Fernando Pereira.



De moto e bicicletas, jovens e crianças fizeram a mais bela das guardas de honra.



Nas faixas, a reafirmação de sua presença imprescindível e a promessa popular de continuar a resistir, para a efetiva continuidade do pacto que ele imaginou.

FLAVIO RANGEL

O demorado adeus

DEPOIS de 39 dias com os olhos rasos d'água e um nó na garganta, podemos agora derramar nosso pranto e soltar nossos soluços.

Esperávamos que Tancredo Neves pudesse subir a escada de um avião no aeroporto de São Paulo, se voltasse e desse de novo ao povo aquele seu sorriso de menino, que espargiu pelo país como um símbolo de sua fé e de sua crença num melhor destino para todos nós. Tivemos de nos conformar com o silêncio de seu caixão. "Há uma certa providência até na queda de um pardal", dizia o príncipe Hamlet. E, apesar de ao longo dos séculos termos tomado conhecimento de coisas tão incompreensíveis, ainda não podemos nos conformar com a injustiça de uma providência cujos desígnios não alcançamos. Quando aquele avião levantou vôo para o límpido azul do céu, deixou-nos a todos nesta terra algemados pela impotência de

nada sabermos: quem somos, de onde viemos, o que estamos fazendo aqui, para onde vamos.

Que fique pelo menos a memória. Neste demorado adeus que o povo brasileiro está dando a seu Presidente e seu mártir, talvez o que mais venha à lembrança seja sua frase de que "para descansar, terei a eternidade". Em São Paulo, porém, desde que deixou o Instituto do Coração, ainda continuou trabalhando. Uniu novamente o povo, tingiu novamente as ruas de amarelo; como se estivesse lembrando, a todos, os detalhes da aliança que construiu entre nós e o Governo, eliminando o fosso que nos separava. E o povo lhe devolveu novamente os sons: os sons mais queridos, os sons que mais gostava de ouvir, os sons dos slogans que encheram as praças, os sons dos hinos, a princípio murmurados e depois cantados a plena voz: os sons do Brasil. Da pátria que ele amou e que sabia mãe gentil.

O povo não quer que ele se vá: e por isso o envolve em seu cortejo, como se o abraçasse. Deu-lhe uma manifestação de amor como só o povo brasileiro pode dar: informal, sem as cerimônias da pompa e da solenidade, que não lhe faziam o gênero. As crianças foram de bicicleta a seu enterro, e naturalmente lhe fizeram a mais bela guarda de honra que um governante poderia ter. Milhares de pessoas foram cantar e chorar juntas, como já haviam rezado e sonhado juntas. Nas ruas — nas ruas que a elas pertencem, como ele também ensinara. Enroladas em suas bandeiras, numa manhã ensolarada.

Tancredo Neves se transformou exatamente na definição que encontrou para seu conterrâneo Tiradentes: um herói enlouquecido de esperança. Sabendo avaliar melhor do que ninguém a fragilidade de nossas instituições, percebeu que sua presença era imprescindível na terminação da engenharia que construiu. Por isso minimizou as necessárias atenções com sua saúde, pois sabia que estavam atentos, como sempre, os maldosos e os violentos — os que ocupam seu tempo fabricando e lançando bombas em festivais de música. Por isso sofreu seu calvário: suas sete feridas, suas sete quedas com sua cruz.

Não foi possível afastar dele esse cálice: está consumado.

Hoje ainda estará trabalhando: velado no Palácio do Planalto, de onde exerceria o pacto que imaginou, sua presença continuará iluminando os brasileiros. E agora que releemos os trechos de seus discursos, podemos entender bem por que ele se transformou nesse mito, atingindo, nos corações dos simples e dos pequenos, a dimensão da santidade.

Porque nos respeitou. Porque nos ensinou que sim, que é possível, que podemos construir um lugar onde possamos viver com paz e na concórdia. Porque uniu pais e mães, filhos e filhas, paciente como era; e ensinou que o sentimento da conciliação está nas mãos dadas que podem ser a marca registrada de nosso novo país. Declarou-se orgulhoso de ser brasileiro, pois notou que poucos povos se igualam ao nosso, "em matérias de sofrimentos, privações e injustiças". Fez com que recuperássemos nossa auto-estima, que não tivéssemos vergonha de nós mesmos, que pudéssemos olhar no espelho com honra. Disse que não éramos inúteis — como nos quisera fazer crer tantos que nos fraudaram. Disse que éramos cidadãos.

E por tudo isso — Deus lhe pague, Tancredo Neves.

FLAVIO RANGEL

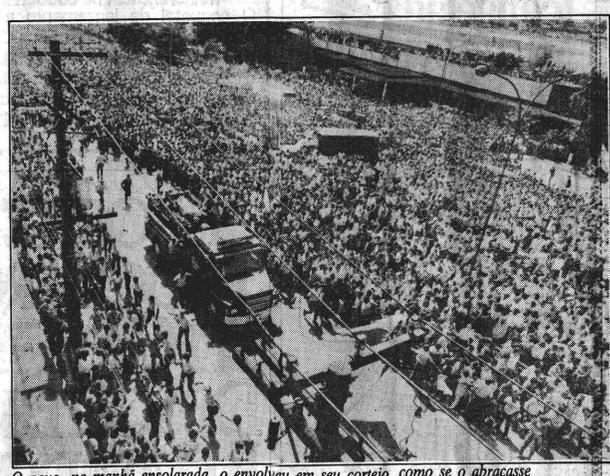


A voz dos simples e dos pequenos lhe devolveu os sons que mais gostava de ouvir.



Milhares de pessoas foram cantar e chorar juntas, na despedida de Tancredo. Já haviam rezado e sonhado juntas e, nos dias memoráveis da campanha eleitoral, enchedo as praças, na união que ele construiu.

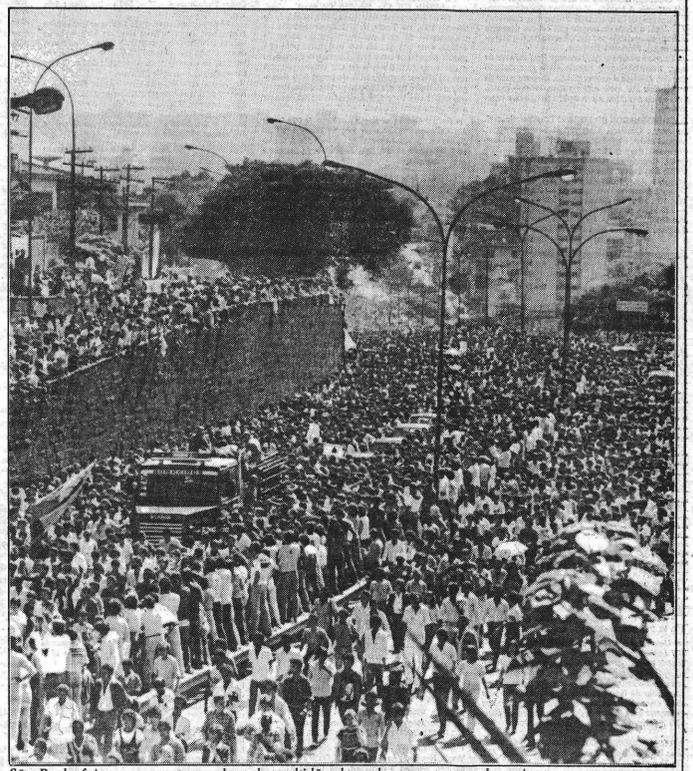
Nos edifícios, como nas ruas, as bandeiras de uma autêntica manifestação de amor.



O povo, na manhã ensolarada, o envolveu em seu cortejo, como se o abraçasse.



Com paz e na concórdia, o povo novamente se uniu para dizer que não quer que ele se vá.



São Paulo foi pequena para o adeus da multidão, dona das ruas, como ele ensinara.